

Tiririca, o ladrão de ‘muié’

O clichê é inevitável... Em sua edição 51(!), o Tribuna teve muito mais do que uma boa ideia... Deu um furo nacional!

Naquela época, em praticamente todas as ruas e diversos programas de TV lá estava ele: Tiririca, nome artístico do cearense Francisco Everardo Oliveira Silva. Até então um palhaço e humorista, que transitava entre a música e o humor, embora para muitos lhe faltasse qualidade nas duas coisas.

O primeiro CD, bancado por barraqueiros do interior e litoral do Ceará, onde fazia sucesso com seus shows, vendeu mais de 1,5 milhão de cópias. O hit contava a história de uma mulher, a Florentina, por quem era apaixonado. Os versos eram impregnantes, não saíam da cabeça...

“Florentina, Florentina,
Florentina de Jesus...
Não sei se tu me amas,
Pra quê tu me seduz?”

Ok, mas e o furo? Pois bem, Florentina seria, na verdade, uma versão de Catarina, sucesso gravado pelo Trio Mineiro nos anos 1960, redescoberto por uma rádio comunitária de Ribeirão Preto.

A notícia, publicada pela primeira vez pelo Tribuna Ribeirão, chegou à mídia nacional. Primeiro a Folha de S. Paulo, no caderno Ilustrada, dias depois. Mais tarde, atraindo a atenção da produção do Fantástico, da TV Globo.

Por meio de sua assessoria, Tiririca negou a inspiração na música “Catarina”. Segundo ele, a letra e a música das duas canções são diferentes. Além disso, completou a assessoria, o estilo de composição em formato de historinha não seria inédito, já tendo sido utilizado anteriormente por outros artistas.

Seja plágio ou não, é muito difícil não se lembrar da Florentina depois de conhecer a Catarina. Em ambas as composições o refrão é repetido à exaustão, entre versos falados pelos cantores. Até as histórias não eram muito diferentes...

Em 1999, ao completar quatro anos, o Tribuna relembrou a história ao listar grandes furos. A nota encerrou com uma frase premonitória, de fazer inveja à Mãe Dinah: “Tiririca caiu no esquecimento”.

Grande engano! Mal sabia o editor que, dali a pouco mais de 10 anos, o dublê de cantor e humorista se tornaria o deputado federal mais votado do Brasil, eleito pelo estado de São Paulo com 1.348.295 votos, usando na campanha frases debochadas como: “O que é que faz um deputado federal? Na realidade, eu não sei. Mas vote em mim que eu te conto” e “Pior do que tá não fica, vote Tiririca”.

Chegou a ser acusado de falsificação, por ser analfabeto (o que impediria sua candidatura, segundo a legislação eleitoral brasileira) e ter apresentado uma declaração de escolaridade, que deve ser de próprio punho, produzida, na verdade, por sua esposa. A defesa argumentou que ele sofreria de Transtorno de Desenvolvimento da Expressão Escrita, uma deficiência motora que o impediria de segurar uma caneta com firmeza. E, alguns anos depois, o Supremo Tribuna Federal concluiu que o então deputado federal era alfabetizado e a denúncia do Ministério Público foi arquivada.

Foi reeleito três vezes, em 2014, 2018 e 2022. Exceção à primeira, quando chegou a pouco mais de 1 milhão de votos, nunca mais repetiu a votação. Na última eleição, foi eleito com ‘apenas’ 71.754 votos.



DIVULGAÇÃO

Francisco Everardo, o Tiririca: deputado federal mais votado do Brasil em 2010

Trio Mineiro teve várias formações



INTERNET

Formação original do Trio Mineiro

O Trio Mineiro teve mais de uma formação ao longo da carreira. Fizeram parte do elenco da Rádio Piratininga de São Paulo. Embora o nome homenageasse o estado, tanto na primeira como na segunda formação, nenhum de seus componentes era nascido em Minas Gerais.

Em 1950, estrearam em disco, interpretando o rasqueado “Buquê de Rosas” e a moda campeira “Boiada Carreira”. Nesta época, a formação era Bolinha, Cosmorama e Nhô Pinta. Por volta de 1956, os dois primeiros deixaram o trio, sendo substituídos por Mariano e Robertinho do Acordeon. Nesse período apresentaram-se em circos e também nos programas Festa na Roça, da Rádio Tupi, e Alvorada Cabocla, de Nhô Zé, na Rádio Nacional, ambas em São Paulo

Uma nova mudança aconteceu em 1959, quando o trio passou a ser integrado por Mineirinho, Hernandez e Goiá (poeta e compositor). O Trio Mineiro se desfez na segunda metade dos anos 1960.

pela arrecadação de direitos autorais.

Para ouvir a música de Tiririca, acesse <https://bit.ly/3LLUlhC>. Já para o sucesso do Trio Mineiro, vá até <https://bit.ly/4pdUzMT>.

Tire suas próprias conclusões

Conheça as letras de Florentina e Catarina, e tire suas próprias conclusões.

Florentina faz parte do primeiro álbum de Tiririca, lançado de forma independente em 1996 e no seguin-

te pela Sony Music. O compositor é o próprio humorista.

Catarina faz parte do disco “Os Namorados de Catarina”, do Trio Mineiro. No álbum, gravado em fevereiro de 1968 em 78rpm, a

composição é creditada a Savério Rondinelli e ao vocalista ‘Mineirinho’, apelido de Jader Bruno de Carvalho. No entanto, até hoje (2025) a canção não aparece nos registros do Ecad, responsável

pela arrecadação de direitos au-

tores.

Florentina

Compositor: Tiririca (Francisco Everardo Oliveira Silva)

DIVULGAÇÃO

Tiririca explodiu com Florentina em 1996

Essa música eu tava cantando ali na cidade grande
Aí o soldado gostou tanto e me levou pra cantar na cadeia
Florentina o nome dela
Florentina, Florentina
Florentina de Jesus...
Não sei se tu me amas
Pra quê tu me seduz?
Eu tava cantando soldado disse
Rapaz tu canta muito, pode cantar na cadeia?
Chegou lá me empurrou
Aí tinha um loirão muito doido lá dentro
O loiro olhou pra mim e falou
Qual é? Qual foi? Por quê é que tu 'tá nessa?
Eu disse não, só por causa que eu 'tava cantando
Florentina, Florentina
Florentina de Jesus...
Não sei se tu me amas
Pra quê tu me seduz?
Ele falou
Pode crê meu, cala tua boca se não boto teus dentes pra dentro
Fiquei bem caladinho quando foi no outro dia o delegado falou
Quem é o cantor?
Eu disse "pronto"
Ele disse rapaz tu 'tá solto
Mas nunca mais canta esse negocio de...
Florentina, Florentina
Florentina de Jesus...
Não sei se tu me amas
Pra quê tu me seduz?
Graças a Deus
Desde esse dia pra cá nunca mais eu canto esse negócio de...

Florentina, Florentina
Florentina de Jesus...
Não sei se tu me amas
Pra quê tu me seduz?
Chega de tanta...
Florentina, Florentina
Florentina de Jesus...
Não sei se tu me amas
Pra quê tu me seduz?
Isso é uma coisa que todo mundo abusa esse negócio de...
Florentina, Florentina
Florentina de Jesus...
Não sei se tu me amas
Pra quê tu me seduz?
Eu num canto mais esse negocio de...
Florentina, Florentina
Florentina de Jesus...
Não sei se tu me amas
Pra quê tu me seduz?
Agora eu vou cantar pra vocês
Uma música de Roberto Carlos que se chama...
Florentina, Florentina
Florentina de Jesus...
Não sei se tu me amas
Pra quê tu me seduz?

Catarina

Compositor: Savério Rondinelli e Jader Bruno de Carvalho

INTERNET

Capa de “Os Namorados da Catarina”, de 1962, do Trio Mineiro

Catarina vem cá embaixo
Uma hora eu tô aqui
A Lua tá tão clara
E eu não posso mais dormi
Só em casa
Cada um de nós tem uma mulher e dez fio
Mas de vez em quando
Nós gostamo de fazê a serenata
Pra nossa namorada
Catarina vem cá embaixo
Uma hora eu tô aqui
A Lua tá tão clara
E eu não posso mais dormi
Foi só nós acabá de cantá
Chegô o guarda falô, vocês tão preso
Olhei pra ele, por que seu guarda?
Vocês não vê que é proibido fazê serenata, só!
Seu guarda, nós não tamo fazendo serenata
Nóis tamo aí cantando
Catarina vem cá embaixo
Uma hora eu tô aqui
A Lua tá tão clara
E eu não posso mais dormi
Mas o guarda não quis sabê de conversa
E nós fomo de braço dado com o guarda
Mas nós não esquecia da
Catarina vem cá embaixo
Uma hora eu tô aqui
A Lua tá tão clara
E eu não posso mais dormi
Quando nós chegamo na delegacia
Que o delegado viu todo mundo de viola na mão falô
Já sei, foram preso porque tavam fazendo serenata, não é?
Falei, que nada, doutor, nós tava aí cantando a
Catarina vem cá embaixo
Uma hora eu tô aqui
A Lua tá tão clara
E eu não posso mais dormi
O delegado não quis sabê de mais nada
Ô carcereiro, põe esses três lá na cadeia
Junto com essa tar de
Catarina vem cá embaixo
Uma hora eu tô aqui
A Lua tá tão clara
E eu não posso mais dormi
Nós passamo a noite inteirinha no

xilindró
Mas um gosto nós tivemos
Ensinamo todos os preso cantá
Catarina vem cá embaixo
Uma hora eu tô aqui
A Lua tá tão clara
E eu não posso mais dormi
No outro dia de manhã
O delegado chamô nós lá em cima
Falei, o que que há seu doutor?
Ele falô, ô mais essa noite
Ocês três encheram com essa tar de
Catarina vem cá embaixo
Uma hora eu tô aqui
A Lua tá tão clara
E eu não posso mais dormi
Vocês vão embora, hem!
Mas não me apareça mais aqui na delegacia
Cantando essa tar de
Catarina vem cá embaixo
Uma hora eu tô aqui
A Lua tá tão clara
E eu não posso mais dormi
Nem mesmo o escrivão
Não escreve mais nada
Eu mando ele batê o processo
Ele começa a escrevê
Catarina vem cá embaixo
Uma hora eu tô aqui
A Lua tá tão clara
E eu não posso mais dormi
Quando nós ia saindo da cadeia o sentinela falô
Psiu! Mineirinho vem cá
Sabe que até eu aprendi cantá
Catarina vem cá embaixo
Uma hora eu tô aqui
A Lua tá tão clara
E eu não posso mais dormi
Na rua nós encontramos o Zé Russo e ele pergunto
Onde vocês dormiram essa noite?
Eu falei, nós? Nós dormimo aí com a
Catarina vem cá embaixo
Uma hora eu tô aqui
A Lua tá tão clara
E eu não posso mais dormi
Quando nós chegamo em casa
Que as nossas muié viu todo mundo de viola na mão
Passaram a mão num cabo de vassoura e
Catarina vem cá embaixo
Uma hora eu tô aqui
A Lua tá tão clara
E eu não posso mais dormi

AEAARP

Viva

mídia ooh

tintas e texturas

MAGGICOR

A maggia das cores.

ATENTARE

FAESP

SENAR

SINDICATOS RURAIS

GRUPO MAUBISA

cm

y

k

★

★

★

★



Do sonho à decepção: relembre a campanha do Botafogo no Brasileirão/99

BOTAFOGO FC

Em 1999, após 16 anos longe da elite do futebol nacional, o Botafogo disputou o Campeonato Brasileiro da Série A. Sem repetir a campanha vitoriosa do ano anterior, na segunda divisão, o time acabou rebaixado.

Foram cinco vitórias (contra Portuguesa Desportos, Grêmio, Paraná Clube, Internacional-RS e Atlético Paranaense), seis empates e 10 derrotas. Com 21 pontos, o Pantera terminou o torneio em 20º lugar, à frente da Portuguesa e do Sport Recife. O rebaixamento naquele ano, porém, não levava em conta a colocação final, mas sim a média de pontos nos dois últimos anos. Dessa maneira, acabaram rebaixados o Botafogo, Juventude, Paraná Clube e o Gama.

O Tribuna Ribeirão acompanhou de perto toda campanha, que não chegou a ser empolgante em nenhum momento. Em sua cobertura esportiva, o jornal não poupou críticas. Nem mesmo – ou principalmente – ao treinador Muricy Ramalho, que anos mais tarde viria a ser aclamado como um dos maiores do país na função e chegou a ser cotado para assumir a seleção brasileira.

Antes da terceira rodada do Brasileirão, quando o Bo-

tafogo ainda estava invicto (somava uma vitória e um empate), Muricy e a empresa que administrava o futebol tricolor foram duramente criticados.

“É um time medíocre este que a Brunoro Sports montou para disputar um Campeonato Brasileiro. A começar pelo técnico, o time do Botafogo não reúne condições para uma disputa de tal envergadura, não há como iludir o torcedor (...) A Brunoro Sports até o presente momento não acrescentou nada ao patrimônio do Botafogo – a não ser meia dúzia de jogadores ultrapassados ou contundidos”, cravou.

Ainda na mesma coluna, pouco à frente, o treinador, que estava no Tricolor há cerca de 40 dias, é lembrado novamente. “Se alguém disser que o Bota tem um esquema de jogo (não vamos exagerar e falar em padrão) vá lá. O Bota está um amontoado de jogadores correndo atrás da bola. Não é possível, nesse tempo todo que dirige o Bota, que o técnico Muricy não tenha conseguido montar um esquema de jogo”.

Três edições à frente (e dois empates e duas derrotas na tabela), o Tribuna aumentou a pressão sobre a empre-

sa comandada pelo ex-treinador de vôlei, José Carlos Brunoro. “É chegada a hora da Brunoro Sports dizer a que veio. Qualquer que seja o negócio, não vale a pena pela humilhação que o Botafogo vem passando”.

O ultimato se estendia a Muricy. “Ou o técnico Muricy Ramalho vai (embora) ou o Botafogo cai para a segundona. Desde a contratação do técnico a gente vem dizendo que seria um técnico sem gabarito para a tal empreitada. Na impossibilidade da contratação de um técnico de nível, melhor seria a permanência de Marco Antônio Machado. O Botafogo hoje é uma equipe sem o menor padrão de jogo, não tem uma jogada ensaiada, nenhum esquema definido. Quando é que se vai tomar providências? Quando não der mais tempo e o time for rebaixado para a (Série) B? Presidente Ricardo Ribeiro, a torcida confia em você”.

Depois disso, Muricy durou apenas mais uma rodada. Empate sem emoção com o lanterna Sport Recife, em casa, e o treinador caiu.

Em seu lugar chegou o folclórico Lula Pereira, que caiu nas graças da torcida e da imprensa. O começo foi surreal, uma vitória por 4 a



Com Dorival Júnior puxando a fila, seguido por Bell, Botafogo entra em campo para mais um jogo do Brasileirão/99

3 sobre o Grêmio, do jovem Ronaldinho Gaúcho, em pleno Estádio Olímpico, na capital gaúcha.

Mas, não foi o suficiente. Mesmo com vitórias nas rodadas finais, o time sucumbiu

a um regulamento feito para prejudicar os pequenos e toda força das maiores equipes do Brasil. Voltaria dois anos depois, como convidado. E mais uma vez seria rebaixado.

Separamos trechos de ma-

térias, entrevistas com personagens e fotos daquele campeonato, que terminou com o título do Corinthians, para que relembre (ou conheça), nesta página e na seguinte, um pouco da época...

Palhinha: “Vim por causa do Muricy e do Altair”

O meia Palhinha foi contratado para ser o grande astro daquele time. Havia sido campeão mundial com o São Paulo poucos anos antes e acumulava passagens por grandes times brasileiros. Mas não repetiu por aqui o sucesso e acabou dispensado antes do final do campeonato, com a chegada de Lula Pereira.

Antes de partir, em entrevista ao Tribuna, Palhinha contou por que havia decidido jogar no Botafogo e falou da simpatia pela cidade – onde viveria novamente dali quatro anos, quando defendeu o Comercial.

mão de outras propostas para jogar em Ribeirão. Quando conheci o trabalho organizado que o Bruno e o (Vincenzo) Roma estão fazendo no Botafogo, oferecendo condições de trabalho e reestruturando o clube dentro e fora do campo, decidi que era hora de voltar a São Paulo. Estão implantando a filosofia de clube-empresa e transformando o Botafogo num grande clube.

Tribuna – E sobre a cidade, qual sua impressão?
Palhinha – Está bem acima do que eu esperava. As pessoas me tratam bem, têm respeito e carinho. Vou ter que pensar muito para sair daqui.

Tribuna – E como o Botafogo de Ribeirão Preto entrou na sua história?
Palhinha – Vim por causa do Muricy Ramalho e do Altair Ramos (preparador físico). Havia trabalhado com os dois no São Paulo. Meu filho teve um problema de coluna e fiquei envolvido durante seis meses. Teve que passar por cirurgia, inclusive. As pessoas que mais apoiaram foram o Muricy e o Altair. Por respeito e gratidão a eles, abri



Muricy e Altair, amizade desde os tempos de São Paulo

Contra a Portuguesa, na estreia do Brasileiro, Palhinha (esq) fez um dos poucos gols com a camisa do Botafogo



FOTOS: BOTAFOGO FC



Botafogo x Flamengo



“Não prometi levar o Botafogo ao Brasileirão”

Ricardo Christiano Ribeiro tem uma extensa biografia. Elegeu-se deputado federal em 1982, votou a favor da emenda Dante de Oliveira (que propunha eleições diretas para presidente da República em 1984) e em Tancredo Neves, ajudando a eleger o mineiro. Deixou a Câmara Federal ao final da legislatura, em janeiro de 1987. De volta a Ribeirão Preto, abandonou política e dedicou-se às atividades pecuárias.

Em outubro de 1997, assumiu a presidência do Botafogo, tendo sido reeleito para mais um biênio em outubro de 1999 – nesta gestão, levaria o time ao vice-campeonato paulista, em 2001. Antes, havia presidido o Pantera entre 1972 e 1973.

Pouco após sua reeleição, em meio à briga para salvar o Tricolor do rebaixamento no Brasileirão, o dirigente concedeu entrevista exclusiva ao Tribuna.

Tribuna – O senhor acredita na permanência do Botafogo na Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro?
Ricardo Ribeiro – Enquanto houver pontos para disputarmos, dentro de um limite que permita a classificação (permanência), haverá esperança. É uma situação difícil, mas temos de considerar que este é o maior campeonato do mundo. Os quatro rebaixados neste ano serão clubes grandes. Não tem time pequeno disputando o Brasileirão.

Tribuna – O Botafogo estava preparado para disputar, ainda este ano, um dos mais difíceis campeonatos do mundo?
Ricardo Ribeiro – Não prometi, quando assumi a presidência do clube, levar o Botafogo à Série A do Brasileiro. Tenho cumprido as promessas que fiz à torcida e aos conselheiros. Nosso pensamento, desde antes de assumirmos o comando do clube, era o de equilibrar as finanças e transformar o time numa equipe competitiva, reconhecida e capaz de atrair investimentos. Dedico todo o meu tempo ao clube, trabalho integralmente para o Botafogo. Não faço mais nada além de cuidar dos interesses botafoguenses. O clube cresceu em todas as áreas e hoje é reconhecido internacionalmente. A parte



Ricardo Ribeiro (dir) presidiu o Botafogo em grandes conquistas

administrativa – que inclui folha de pagamento, dívida com fornecedores, processos trabalhistas – está perfeitamente controlada. A situação do Botafogo é muito boa, o clube possui um dos maiores patrimônios do futebol brasileiro e não tem nada que pertença ao botafoguense comprometido com a Justiça. Alguns jogadores revelados nesta administração, como Luciano Ratinho, Leandro e Cicinho, vão dar muito lucro ao clube. Tanto no aspecto financeiro quanto no de futebol.

Tribuna – Mas a torcida quer mesmo são vitórias, acompanhar um time vencedor e competitivo...
Ricardo Ribeiro – Futebol é assim mesmo, pode-se perder ou ganhar. Alguns times grandes, como o Internacional de Porto Alegre, o Botafogo do Rio e a Portuguesa estão com péssimas campanhas. O Sport, que foi o sétimo em 98, tem menos pontos que nós. Muitos clubes de tradição passam por momentos de dificuldades dentro desse campeonato, que é um dos mais equilibrados de todos os tempos.

Tribuna – O acesso à Série A, conquistado com o vice-campeonato da Série B em 1998, agitou a torcida e mo-

vimentou a cidade. Por que o Botafogo foi mal no Paulistinha e no Brasileirão?
Ricardo Ribeiro – Não podemos culpar ninguém. Os times que estão na mesma situação do Botafogo também têm bons elencos, com jogadores e técnicos consagrados. Não conseguem, no entanto, desenvolver um bom futebol. O técnico do Inter (Émerson Leão), por exemplo, recebe R\$ 150 mil por mês, mesmo sem ter alterado a posição do time na classificação geral. O futebol tem dessas coisas. O Botafogo empatou com o Guarani, em Campinas, num jogo que merecia ganhar. O Bugre foi a Belo Horizonte e venceu o Cruzeiro. São coisas do futebol que não podem ser avaliadas. Está faltando sorte também. Aquela sorte que tivemos no Brasileiro da Série B.

Tribuna – A fraca campanha na Segunda Divisão do Paulista pode ser creditada à ansiedade em disputar o Brasileirão? Por que o time não foi bem no Paulistinha?
Ricardo Ribeiro – Promovemos muitas mudanças durante o campeonato. Trocamos o técnico (Marco Antônio Machado por Muricy Ramalho) e, como consequência, alteramos o time. Esse técnico (Muricy) também

não deu certo e tivemos de mudar novamente. Isso tudo influencia o desempenho da equipe. Sou contra a troca de técnicos, essa ciranda de resultados. O treinador precisa ter oportunidade e tempo para trabalhar. Acho que acertamos com o Lula Pereira, um técnico que tem uma vasta folha de serviços prestados ao futebol. Além de vencedor e trabalhador, é um grande descobridor de talentos. Tenho certeza de que fará um bom trabalho no clube. Trouxe bons jogadores e de nível salarial acessível.

Tribuna – E dispensou estrelas como Palhinha e Zé Afonso, em quem a torcida apostava muito...
Ricardo Ribeiro – Todo mundo aprovou as contratações. São bons jogadores. Infelizmente, quando a coisa vai mal, todos ficam contra o atleta. O Palhinha, principalmente, não foi bem aqui. Foi dispensado por essa razão.

Tribuna – Quanto clube gasta com a folha de pagamento?
Ricardo Ribeiro – Cerca de R\$ 300 mil mensais, mas nossa meta é reduzir para 120 mil reais em 2000.

NOTA: Ricardo Ribeiro faleceu em 2020, aos 79 anos.

Muito barulho para nada

Passados dois terços do campeonato e na iminência do rebaixamento, o Botafogo decidiu que era hora de ‘mexer no doce’ e dispensou sete jogadores – Zé Afonso, Cleomir, Fábio Mello, Palhinha, Torrinha, Birinha e Marcelino.

“A diretoria trocou o treinador e ele escolhe quem quiser, só que o Botafogo tem mais de 44 jogadores e os dirigentes precisam atentar para esse fato”, disse o meia Palhinha, ao ser dispensado, dando o caminho para entender os erros.

A sucessão de erros, dentro e fora do campo, rendeu artigo deste Tribuna, com o mesmo título acima.

“A diretoria do Botafogo fez muito barulho para apresentar o novo fornecedor esportivo do clube, a Rhumell. O todo-poderoso José Carlos Brunoro trouxe o não me-

nos idolatrado Galvão Bueno para participar da festa.

Antes da estreia no Brasileirão os dirigentes anunciaram a contratação de craques como Palhinha, Henrique, Zé Afonso e Fábio Mello. A diretoria contou o treinero Muricy Ramalho, montou uma comissão técnica de respeito e tratou de espalhar a notícia da transformação do clube em empresa. Tudo como manda a cartilha do ‘profissionalismo’.

Agora, depois de entrar em campo treze vezes, vencer duas partidas, empatar quatro e perder sete, os cartolas do clube querem provar que o lugar do Botafogo é mesmo nas divisões inferiores.

O clube-empresa de Ribeirão segue mesmo os passos da iniciativa privada. Quando as coisas vão mal, o primeiro grupo a ser dispensado é o dos trabalhadores, dos operários. (...)”.

Rebaixamento foi o primeiro de Lula Pereira

Como jogador, Lula Pereira fez sucesso nos gramados do Nordeste. Primeiro no Sport Recife, onde ficou de 1972 a 1975, depois no Santa Cruz, formando dupla com Levir Culpi – que mais tarde, assim como ele, se transformaria em um treinador consagrado. Encerrou a carreira em 1980, no Ceará, onde, aliás, começou a carreira de técnico.

Ao chegar no Botafogo, durante o Brasileirão, Lula Pereira trazia o prestígio de títulos estaduais com o Figueirense (1994) e o Ceará (1998), além de um acesso com o União São João à elite do futebol nacional.

Não consegui evitar o rebaixamento, mas permaneceu no Botafogo e no ano seguinte ajudou o clube a voltar ao Paulistão. A queda, disse ele, teria sido a primeira em sua carreira.

Nesta entrevista, Lula Pereira, falecido em 2021, aos 64 anos, falou sobre a campanha no Brasileirão de 1999.

Tribuna – O rebaixamento do Botafogo foi o primeiro de sua carreira. Como está o clima entre jogadores, diretoria e comissão técnica?

Lula Pereira – Nosso grande problema foi a tal da média. Na classificação geral, lutamos até a última rodada. O sentimento é de tristeza. Só quem passa por uma situação assim sabe o que realmente significa a palavra descenso. Não há como transmitir ao torcedor o que estamos sentindo. É duro quando um profissional trabalha e se dedica para alcançar bons resultados e não tem sucesso. Digo aos jogadores que estou com a consciência tranquila e fazendo o melhor que posso. Tivemos falta de sorte em alguns momentos. Depois do jogo contra o Santos, o Botafogo atingiu uma identificação,

principalmente em níveis de trabalho e produção. Deixamos de conquistar resultados positivos, às vezes, por causa de nossas próprias limitações.

Tribuna – Você substituiu Muricy Ramalho durante o campeonato. Havia estrutura para manter o time na Série A?

Lula Pereira – O rebaixamento é consequência de um campeonato equilibrado. Quando não se tem sucesso nas horas decisivas acontece isso. Não é um privilégio do Botafogo. O descenso atinge até clubes campeões. O Juventude é o atual campeão da Copa do Brasil. Botafogo-RJ e Inter brigaram até a última rodada. O Paraná foi seis vezes campeão paranaense nesta década. Se não fosse a tal média, o Sport estaria rebaixado. A Portuguesa também. O Botafogo trabalhou pensando em correção. Infelizmente, não deu certo. Quando um clube contrata e muda, faz isso com o objetivo de acertar, melhoras. Mas não posso reclamar da rapaziada (jogadores). Não fizemos mais, como já disse, por causa das nossas limitações e da falta de sorte.

Tribuna – Alguns jogadores consagrados, como Palhinha e Zé Afonso, foram dispensados após a sua chegada. Foi decisão sua?

Lula Pereira – Foram dispensados pela diretoria. Eu não poderia, com 11 dias de clube, dispensar alguém. Estaria cometendo injustiça com profissionais que não me trouxeram nenhum tipo de problema. Trabalharam comigo em quatro jogos e fizeram o que podiam. Dentro de uma política de trabalho mais duradoura, poderiam ter melhor se enquadrado e melhorado a produção. Foi uma decisão única e exclusiva do presidente.



Botafogo x Gama

Campanha do Pantera no Brasileirão/99					
25/07	BOTAFOGO	4	x	2	Portuguesa Desportos
01/08	Corinthians	4	x	1	BOTAFOGO
07/08	Coritiba	1	x	1	BOTAFOGO
15/08	BOTAFOGO	1	x	3	Gama
18/08	BOTAFOGO	1	x	1	Palmeiras
22/08	São Paulo	1	x	0	BOTAFOGO
25/08	BOTAFOGO	0	x	1	Ponte Preta
29/08	BOTAFOGO	1	x	1	Spor Recife
01/09	Grêmio	3	x	4	BOTAFOGO
04/09	BOTAFOGO	1	x	4	Flamengo
08/09	BOTAFOGO	1	x	4	Atlético Mineiro
11/09	Santos	2	x	0	BOTAFOGO
15/09	Juventude	1	x	1	BOTAFOGO
26/09	BOTAFOGO	2	x	0	Paraná Clube
30/09	Botafogo-RJ	1	x	0	BOTAFOGO
10/10	Guarani	1	x	1	BOTAFOGO
17/10	Vitória	3	x	2	BOTAFOGO
23/10	BOTAFOGO	2	x	1	Internacional
31/10	Cruzeiro	2	x	1	BOTAFOGO
06/11	BOTAFOGO	2	x	1	Atlético Paranaense
10/11	Vasco da Gama	1	x	1	BOTAFOGO



“Entre aspas”

O que disseram ao Tribuna Ribeirão

“Não fui muito assediado porque casei cedo. Minha mulher não deixava eu respirar”.

“Me descobri quando me aceitei como nordestina”.

“É o fim da administração emocional”.

“É um setor que só deu prejuízo à população de Ribeirão Preto”.



Muricy Ramalho, treinador e ex-jogador de futebol, sobre o assédio feminino.



Elba Ramalho, cantora.



José Carlos Brunoro, diretor de futebol do Botafogo, executivo de futebol e ex-treinador de vôlei, ao comentar sobre a associação de clubes com empresas estrangeiras, em 1999.



José Carlos Porto, vereador, justificando seu voto a favor da entrega de ônibus da Transerp em troca de dívidas com as permissionárias.

“Ele disse que iria se, antes disso, eu o acompanhasse numa noite. Prefiri não arriscar”.

“Se queremos evitar o uso dessas drogas, assim como o do tabaco e o abuso da bebida, a melhor forma, definitivamente, não é a proibição”.

“Os produtores, que sempre deram apoio ao governo de FHC, estão insatisfeitos e irritados”.

“O governo não pode concordar com o perdão para grandes devedores, sobretudo quando são devedores contumazes”.



César Sampaio, ex-jogador e Atleta de Cristo, sobre Serginho Chulapa, que foi seu treinador no Santos e conhecido frequentador da noite.



José Carlos Dias, ministro da Justiça no governo FHC, entre julho de 1999 e abril de 2000.



Ronaldo Caiado, político, então deputado federal e líder da bancada ruralista, defendendo o perdão da dívida dos agricultores.



Fernando Henrique Cardoso, presidente da República, explicando porque era contra o perdão.